

Espírito natalício

por Mário Soares

1. Desde pequeno que me lembro de passar o Natal no aconchego da família – com os meus pais, irmãos e outros familiares, primeiro; com a família que eu próprio constitui, cedo na vida, depois – e não há nada melhor para os que têm a sorte de a ter. Excepto quando o passei numa cela isolada e fria da prisão de Caxias, em Dezembro de 1967, nos ominosos tempos da Ditadura. De resto, houve sempre árvore de Natal, maior ou menor, rabanadas, coscorões e bacalhau, “o fiel amigo” e, no dia seguinte, peru e o indispensável bolo-rei. Mesmo no exílio, sendo como, sempre fui, não crente. Porque, no mundo cristão, pelo menos, há lugar para um Natal laico, humanista, iluminado por valores éticos, solidário e tolerante. Um Natal que não deve ser consumista, meramente ritualizado ou de fuga às preocupações que o tempo – cada tempo – nos exige.

Nas curtas férias entre o Natal e o ano Novo – que este ano foram maiores, mas frias e chuvosas – há dois balanços que se impõem: um, em véspera do Natal, mais introspectivo, de sentido ético e solidário, a pensar nos outros e nas suas dificuldades e no nosso próprio comportamento perante a crueldade do Mundo; outro, em véspera do Novo Ano, a avaliar o ano que vai acabar e a tentar prever o que aí vem e que, até agora, não augura nada de bom. Enfim, ficar em casa - os que a têm - mergulhado no carinho, no convívio e na leitura, e com a menor dose de televisão possível porque, mesmo nestes dias mágicos, só nos impingem (em qualquer canal) violência, desgraças, pseudo-divertimento de mau gosto, futilidades e marketing para maior consumo. Para além de escandalosos anúncios de bancos e grandes empresas – os mesmos do passado, que ainda não mudaram! – a oferecer-nos o que não nos podem dar: crédito e facilidades a baixo juro...

Por mim, interrompendo outros trabalhos, que felizmente não me faltam, não resisti a reler dois textos excelentes de dois escritores do século passado, que muito admiro: Ramalho Ortigão, que no primeiro volume das Farpas descreve, de uma maneira soberba, um delicioso e açucarado “Natal Minhoto” – com o presépio, a consoada e a ceia de família - que tantos dos nossos emigrantes vêm saborear nas suas aldeias, nestes dias; e outro, do incomparável Eça, a parábola tão actual do Mandarim. Lembram-se? Quando o Teodoro, amanuense do Ministério do Reino, se deixou tentar pelo Diabo e aceitou tocar uma campainha, sabendo que provocava, na distante China, a morte de um mandarim. Em troca, recebeu uma imensa fortuna. Tornou-se, assim, um nababo, que passou a viajar pelo mundo, na maior das opulências e a gozar os prazeres da vida, sem trabalhar.

Mas, subitamente, começou a sentir remorsos, que surgiram do fundo da sua consciência moral. Atormentado, psicologicamente doente, sentiu-se morrer. E legou então todos os seus muitos milhões ao Demónio que lhos concedeu. “Pertencem-lhe, disse Teodoro. Ele que os reclame e que os

reparta". E Eça acrescentou: "E a vós, homens, lego-vos apenas, sem comentários, estas palavras: só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o Mandarinim!" Uma parábola publicada em 1880 (data da primeira edição) de uma flagrante actualidade...

Aproveito para sugerir aos meus eventuais leitores um livro antológico, muito interessante, publicado por Vasco Graça Moura, na editorial Quetzal: "As mais belas histórias portuguesas de Natal". Não só insere textos belíssimos de timbre religioso – como é natural – mas também outros escritos de uma perspectiva laica, do passado século. Dá-nos uma visão muito completa e sugestiva das conotações do Natal com a nossa Literatura, ao longo de vários séculos. Traços bem reveladores, aliás, de um veio importante da tradição cultural portuguesa.

2. Este Natal as pessoas comuns não puderam celebrar a quadra natalícia, como antes. Queixaram-se muito das dificuldades e das preocupações do tempo e limitaram os gastos ao essencial. Por outro lado, apareceram muitos mais pobres, mais do que tem sido habitual. E houve organizações humanitárias, de diverso tipo, e pessoas caritativas – também bastante mais do que em anos anteriores – que se mobilizaram para ajudar os mais desfavorecidos, os desempregados, os imigrantes, os excluídos, oferecendo-lhes um teto, por algum tempo, roupa, comida quente e medicamentos. A caridade e o humanitarismo – em ocasiões difíceis, como as de agora – são de louvar. Obviamente! Mas não podem comparar-se com a Justiça – nem prescindir dela – que é um dever social do Estado e um Direito Humano de todos os cidadãos, como estipulam a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, mais recentemente, a Declaração Europeia dos Direitos Humanos, com efeitos vinculativos, ínsita no Tratado de Lisboa (ainda não ratificado).

Portugal, sabemos todos, é um dos países mais desiguais, da Europa. Mas, em termos mundiais, é um país privilegiado. Não o devemos esquecer. Contudo, em tempo de crise aguda, podem abrir-se novas oportunidades. No sentido de uma mudança profunda, para um novo modelo económico e social, de maior igualdade, mais políticas sociais, mais apoio às populações carenciadas, aos idosos, às crianças, aos desempregados, aos socialmente excluídos, sejam portugueses ou imigrantes.

É certo, que, na medida do necessário, é preciso não deixar falir os bancos e as empresas, porque são criadores de emprego e motores do desenvolvimento económico, quando tenham administrações sérias e não dependam dos "paraísos fiscais". Mas os auxílios dados aos bancos e às empresas têm de ser transparentes e publicitados com rigor, para que não restem dúvidas de que é disso que se trata. Num período de crise aguda e quando instituições, como a Justiça e os Partidos, em geral, parecem fragilizados, é importante que não se deixem criar focos de revolta que são sempre perigosos e de consequências imprevisíveis.

3. Bernard Madoff, é um caso a seguir com atenção, porque nos ensina sobre o que devemos fazer. Trata-se, como todos sabem, de um auto-intitulado e dinâmico financeiro americano, que anunciou recentemente a falência da sua mega empresa financeira e das suas delegações em vários locais do Mundo. Um escândalo de 50 mil milhões de dólares, que envolveu bancos, grandes empresas e colossais fortunas privadas do Mundo inteiro, que depositaram – movidos pela ganância irresponsável do lucro – os seus capitais, para serem geridos pelo escroque

internacional sem escrúpulos e astucioso Madoff. Um caso, de dimensão ainda desconhecida, em detalhe, semelhante ao praticado pela nossa compatriota Dona Branca, em pequeníssima escala. Não tem comparação no tamanho, mas a Dona Branca não deixa de ser precursora...

No entanto - reconheçamo-lo - os nossos banqueiros e milionários não aprenderam nada com a Dona Branca, visto que alguns já perderam milhões. O Banco Privado Português, o seu proprietário e accionistas, que o digam...

4. A mensagem de Natal do Primeiro Ministro, José Sócrates, teve algumas novidades, que as Oposições da Esquerda radical e comunista e da Direita (PSD e CDS) não quiseram ver. Limitaram-se, no estilo do bota abaixo, que lhes tem sido comum, a criticar minudências sem sugerir quaisquer políticas alternativas. Obviamente que as Oposições devem criticar - é a sua obrigação democrática - mas, em tempo de crise aguda, como é o caso, devem-no fazer com realismo e apresentando alternativas às políticas seguidas, para que o comum dos eleitores se possa orientar e saber por onde escolher.

Nada pior, em tempo de crise, que o vazio político ou que se procure deitar abaixo o que está, sem oferecer soluções consistentes e coerentes, para o que há-de vir. Os eleitores sabem bem que o país não deve - nem pode - ficar ingovernável.

Foi isso que Sócrates parece ter compreendido. Na sua Mensagem de Natal avisou, com realismo, as dificuldades que temos de enfrentar e vencer. Colocou-se - e bem - numa perspectiva de defesa do interesse nacional. Mostrou-se aberto para dialogar com os Partidos, sem excepção, com os Sindicatos, defensor, como devia, do bom entendimento institucional com os órgãos de soberania - Presidente, Parlamento, Instituições Judiciais - e mudou de estilo, usando uma forma mais próxima e humana ao dirigir-se aos portugueses. O resto, foram detalhes, sem relevância. Disse que as suas primeiras prioridades são o desemprego que prevê crescente e a pobreza de que sofrem muitos portugueses. Quem o pode negar?

Ora os portugueses que o ouviram sabem, por experiência própria, que não é com manifestações de rua - nem com protestos mais ou menos violentos - que esses flagelos podem ser remediados...

5. A violência em crescendo no Próximo e Médio Oriente - especialmente o agravamento do conflito Israel-Palestina - são porventura a maior dor de cabeça da próxima Administração Obama, que não se apresenta nada fácil. Mas tenhamos esperança e confiança, ambas essenciais para vencer a crise. Persistamos na luta pela paz, contra a violência e contra a crise, em todas as suas modalidades. Para isso é preciso que os governos, todos, tenham bom senso e sentido de moderação.

Israel ao ameaçar invadir o território palestino de Gaza, a meses das próximas eleições, depois de o ter feito com o Líbano, há um ano, com péssimos resultados, está numa fuga para a frente e numa escalada de violência, que a pode levar ao abismo: ao desaparecimento, a prazo, como Estado. Atenção! Quem avisa seu amigo é...

Lisboa, 30 de Dezembro de 2008